



Neste número, *Educação em Revista* presta uma homenagem a Nilton Bueno Fischer, que, além de profissional admirado, colega querido e amigo de muitos professores e professoras da Faculdade de Educação da UFMG, fazia parte do Conselho Consultivo da nossa Revista, contribuindo permanentemente com avaliações de artigos e respondendo prontamente a todas as nossas solicitações. Reunimos aqui alguns depoimentos de professores e professoras da FAE/UFMG que com ele estabeleceram diferentes relações de trabalho e de amizade. Incluímos também um depoimento de sua irmã e colega de trabalho, Rosa Fischer, como forma de registrar nossa gratidão, nossa admiração e nosso afeto a esse profissional-professor-colega-amigo que tanta falta nos faz.

'Somos as marcas das lições diárias de tantas outras pessoas'
(Gonzaguinha)

Na manhã de domingo do dia 26 de julho último, fomos surpreendidos com a triste notícia de que Nilton Fischer havia partido. O anúncio causou forte impacto naqueles que conviviam mais de perto com ele. Nilton, gaúcho de sotaque inconfundível e colorido de paixão, imprimiu um jeito de viver que energizava as pessoas e os ambientes por onde passava.

Foi professor com muito orgulho, como gostava de se apresentar, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde, mesmo aposentado, permaneceu orientando mestrandos e doutorandos, mantendo atividades de pesquisa. No estado da arte realizado por Sérgio Haddad, Nilton constava como aquele que mais havia orientado pesquisas na temática sobre educação popular de jovens e adultos. Dos orientandos, certamente, ficou uma profunda admiração pela figura humana que foi.

Para além da universidade, Nilton atuou em espaços da administração pública como Secretário de Educação de Porto Alegre. Foi colaborador de instâncias importantes da pesquisa no Brasil, como a CAPES, o CNPq, a Fundação Carlos Chagas e a Fundação Ford. Sua intensa dedicação à pesquisa o levou a ter uma atuação histórica e comprometida com a sociedade científica mais importante no campo da educação no Brasil. Foi secretário geral e vice-presidente da ANPED. Outra participação relevante e desafiadora ocorreu numa organização não-governamental de grande expressão, a Ação Educativa, de São Paulo, em que foi sócio-fundador e diretor.

A “menina dos olhos”, o trabalho mais envolvente para ele, foi a pesquisa-ação que desenvolvia há anos relacionando a educação popular com a economia solidária junto aos catadores de materiais recicláveis em Porto Alegre. Foi a partir deles que Nilton, com entusiasmo, fez referências à dura realidade empírica que o levou a desenvolver especial sensibilidade para questões ambientais e de gênero.

Nilton nos deixa uma extensa produção intelectual e uma geração de educadores e pesquisadores que ele ajudou a formar. Como diz Maria Clara Di Pierro: “saudades dos muitos amigos, que sentiremos falta de seu jeito alegre, poético e afetivo de entregar-se à vida, que deixou precoce e inesperadamente”. Em trabalho encomendado pelo GT de Educação de Jovens e Adultos, na reunião da ANPED de 2008, suas palavras iniciais foram, em tom reflexivo, um convite aos presentes a assinarem uma ficha de uma ONG que ele, na imaginação, acabava de fundar, aliando-se ao movimento mundial do Slow Food, contra o fast-food. Ele dizia: “Quero que as pessoas se inspirem a produzir conhecimento científico mais lentamente”. Se, no dizer do poeta, somos as marcas das lições diárias de tantas outras pessoas, Nilton nos deixa um pertinente convite inspirado no seu grande autor dos últimos tempos. Traçado pelas mãos de Alberto Melucci, ele propõe e convida a viver o espichamento do presente.

(Leôncio Soares - Professor da FaE/UFMG)

O Pesquisador “Orgânico” e a Educação Popular

Dentro de meus limites, pretendo colaborar com um processo de pesquisa que se estabeleça em nossas agendas como algo lúdico, desafiador, coletivo e reflexivo, perpassando nosso planeta interno e procurando conexões com o contexto sócio-histórico que estamos vivendo nesta primeira década século XXI.

(Nilton Bueno Fischer, abr. 2008)

Pesquisador de rara sensibilidade, Nilton Fischer foi um exemplo de intelectual que não se afastou, em momento algum, de seu compromisso com ações educativas que trouxessem em si um potencial de transformação das condições sociais de desigualdade. Profundo estudioso da Educação Popular, Fischer se posicionava, como poucos, a favor de uma pesquisa que ele próprio chamava de “orgânica”, melhor dizendo, relacional com os setores populares, envolvida visceralmente com projetos emancipatórios, revelando, como ele mesmo dizia, o seu ir e vir em um mundo repleto de sujeitos de pesquisa – “alfabetização de adultos, moradores de periferias urbanas, projetos de geração de renda, ações culturais e muitos outros”.

Sua contribuição para se pensar a educação no mundo contemporâneo tem valor inestimável. Inicia-se com suas reflexões sobre a Educação de Adultos – tema espinhoso e candente, mas carregado de esperanças e utopias –, totalmente envolvido com os pressupostos educacionais que dominaram os debates na área, em um momento em que educadores populares se alimentavam da ideia de que a educação dialógica tinha poder de produzir sujeitos emancipados.

Sem perder esse fio de caráter emancipador, Fischer, nas inúmeras contribuições apresentadas por ele, no GT Movimentos Sociais e Educação da ANPEd, ampliava o debate e introduzia novos desafios à pesquisa educacional. Enriquecia, de forma brilhante, as discussões ao introduzir temas como, por exemplo, o da ação coletiva por meio do qual ele analisava os movimentos da juventude e a ainda trazia para o campo educacional questões relativas ao meio ambiente e à economia solidária. O mais fascinante de tudo isso era sua disposição para o novo. As reflexões de Fischer incitam-nos a pensar o campo da pesquisa educacional como um espaço da diversidade não apenas de temas, mas de abordagens teórico-metodológicas.

Fischer, além de saudades, deixa-nos um legado importante: a esperança de que vale a pena lutar por um mundo melhor, um mundo sem desigualdades, um mundo de solidariedade e mais feliz.

(Luiz Alberto Gonçalves - Professor da FaE/UFMG)

Em maio deste ano encontrei com o Nilton Fischer no corredor de saída da FAE/UFMG e, depois de um abraço forte que nos demos, ouvi aquela frase que ele me repetiu inúmeras vezes, sempre que nos encontrávamos: “Paraíso, Paraíso, não me conformo de eu não ter conseguido fazer tu desistir do pós-moderno”. Em seguida, dirigia-se a quem estivesse com ele: “Não me conformo desta guria ser pós-moderna”! Se essas frases evidenciam a diferença de perspectiva teórica que sempre tivemos ao lidar com questões da educação, ela evidencia também o tom sempre afetuosos e brincalhão presente em todos os nossos encontros, desde o período em que fui sua aluna no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS.

Encontrei-me pela primeira vez com o Nilton em uma situação de avaliação. Era novembro de 1992, ele fazia parte da Banca de Seleção de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS e eu concorria a uma vaga para cursar o mestrado. Assim que entrei naquela sala, antes mesmo que eu me sentasse para a entrevista, o Nilton me perguntou: “Minera, minera (imitando o modo mineiro de falar omitindo letras), que fazes aqui de tão longe?”. Essa pergunta nunca mais foi esquecida e se tornou motivo de muitas conversas, imitações, gracejos e gargalhadas entre o Nilton e eu. Iniciara ali uma relação de admiração e de muito carinho. Assim era o Nilton: atencioso, brincalhão, afetuosos. Como ele mesmo dizia, gostava das “belezuras da vida”.

Como aluna de mestrado do professor Nilton Fischer, aprendi muito sobre os Movimentos Sociais e a Educação, sobre lutas pela educação, contra as injustiças sociais e por um mundo com mais justiça. Aprendi também sobre a importância da paixão no ato de ensinar e sobre a importância de possibilitar ferramentas para o/a aluno/a pensar os problemas e as soluções para o presente. O Nilton era, nesse período, 1993, também Secretário de Educação do Município de Porto Alegre, uma de suas ações na tentativa de intervenção na política educacional. Mas todas as quintas à noite chegava na sala de aula animado, falando do que ele chamava de “belezura” da gente simples deste país e de suas formas de viver e de lutar por um mundo melhor. O Nilton era um professor simples, falava da educação de um modo simples e dizia ter uma predileção pela gente simples. Mas, como disse Clarice Lispector, “que ninguém se engane, só se consegue a simplicidade através de muito trabalho”. E o Nilton trabalhou muito por essa simplicidade.

Eis aí lições importantes que aprendi do Nilton professor, amigo e colega, que deixa saudade e uma prática de vida, de trabalho e de intervenção na educação que sempre levo comigo. Fica em mim a lembrança de um professor que repetia incansavelmente que a luta pela construção de um mundo melhor para todos não pode findar jamais e que isso pode ser feito com alegria e muito afeto.

(Marlucy Alves Paraíso - Professora da FaE/UFMG)

Nos últimos anos, pude trabalhar muito de perto com o Nilton, seja no CA-ED do CNPq, seja em algumas de suas muitas visitas de trabalho à UFMG. Nesses traba-

lhos, descobri um grande amigo, um pesquisador incansável, um sensível professor e, acima de tudo, um cidadão comprometido com a construção de novas relações e de um mundo melhor para todos. A ausência do Nilton significa, sem dúvida, uma grande perda para todos nós, seus amigos, mas também para o campo da educação e para todos aqueles e aquelas que lutam por um mundo justo e solidário.

São muitas as tradições, as memórias e as histórias da educação pública no Brasil. Em algumas delas, à escola é atribuída grande parcela da responsabilidade pela desgraçada situação em que vive boa parte de nossa gente. A nossa escola pública, tida como de baixa qualidade, não teria conseguido preparar as camadas populares para o acesso a melhores postos de trabalho e para o exercício pleno da cidadania. Daí a pobreza cultural, política e econômica do povo brasileiro. Daí a contínua afirmação da escola como “reformadora social”. Em outra, felizmente, sem deixar de reconhecer a importância da escola como tempo/espaço de formação, o papel dessa instituição é sempre referido à estrutura socioeconômica-cultural-política perversa que marca a história de nosso país. É no interior dessa tradição que, felizmente, situa-se boa parte de nossos grandes pensadores da educação, os quais incessantemente nos deram, e dão, lições importantes sobre as possibilidades e os limites para a escola contribuir na construção de um OUTRO país, mais justo, democrático e inclusivo.

É no interior dessa última tradição que, sem dúvida, o Nilton Fischer deve ser situado. Sem deixar de prestar a atenção na escola como local de encontro, de construções sociais múltiplas e, por que não, de transgressão, não cessou também de chamar a atenção para a força “irruptiva do novo” nos movimentos e nas instituições sociais que, fora dos muros da escola, educam para a cidadania. Sem romantizar a força educativa advinda dos movimentos organizados pelos “deserdados da terra” do campo e da cidade, Nilton nos mostrava, continuamente, sinais de que, lá na periferia, lá onde nossa gente luta continuamente pelo resgate e pela afirmação da dignidade, mesmo que as condições de vida sejam muito pouco dignas, é de lá que vinham belas lições de cidadania, de solidariedade, de construção da justiça social.

(Luciano Faria Filho)

A última vez que pensei em meu irmão e falei nele foi justamente no dia anterior ao de sua partida. Dizia a uma amiga que me visitava em Nova York: “Quero mudar muitas coisas em minha vida profissional, depois desta experiência de pós-doutorado. Mas não vou decidir nada sem antes ter uma boa conversa com o Niltinho. Essa é a primeira coisa que vou fazer ao chegar em Porto Alegre. Marcar um café, ou um vinho, com meu irmão”.

Seria corriqueira, mas não menos afetiva, a lembrança que agora tenho, se o Nilton, no dia seguinte, não tivesse súbita, perplexa e dolorosamente nos deixado. Hoje, transmuda-se

numa recordação quase que sagrada, como se tornam todos os gestos, todas as palavras, todos os traços deixados por alguém que queremos bem, quando essa amada criatura morre.

Assim, tornou-se também sagrada para mim nossa conversa ao telefone, eu em Washington, ele em Porto Alegre, num domingo que poderia ser apenas um dia como qualquer outro em minha vida. Uma semana antes de sua morte, liguei das escadarias do Capitólio para o Nilton, porque desejava muito que ele fizesse parte de um momento único e extremamente feliz que eu estava vivendo. Falei do meu carinho por ele e que em breve nos veríamos. E o Nilton, generosamente, me disse que eu “multiplicasse por mil todo o sentimento que eu tinha por ele”. Falamos de família, de amores e, claro, de trabalho. Bancas, pesquisas, pareceres, alunos.

Era sempre assim. Uma cumplicidade que misturava divergências e aproximações teóricas; desejos comuns de vivermos todos em uma sociedade mais e mais justa; memórias de família, que “abriam arquivos” – como ele gostava tanto de fazer e dizer –, arquivos de passados longínquos e ao mesmo tempo tão próximos; preocupações com a saúde e, principalmente, uma inquietação constante com o mistério e a certeza de um dia já não fazermos parte disso que é tão maravilhoso: viver, estar com os outros, dizer hoje (e não deixar para amanhã) a palavra amiga, solidarizar-se genuinamente com aquele que é, radicalmente, Outro, diferente de mim, de nós.

Quando fui a seu apartamento, dias atrás, os filhos Janaína e Gustavo abriram as portas para vermos, ainda uma vez, as marcas dos últimos gestos desse irmão, pai, amigo, professor e companheiro adorável: dezenas de revistas que ele assinava, inclusive um jornal do interior do Rio Grande do Sul (porque publicava histórias de vida de colonos italianos); um dicionário de francês e a tradução que estava fazendo de um livro do sociólogo François Dubet, com muitas, muitas anotações a lápis nas margens das páginas, sobre escola e educação das periferias; suas roupas no cabideiro da varanda, de mangas semidobradas pelo uso então recente; os enormes vasos com todo tipo de plantas, inclusive laranjinhas. Ah, e os cafés em grão, de lugares os mais distantes, também, claro, café do sul de Minas Gerais – uma paixão quase tão intensa como a que tinha pelo time querido, o Inter. E muitas, muitas fotografias, bilhetes, “guardados” de alma.

Acho que tive, sim, uma resposta, no dia 26 de julho de 2009, sobre “o que fazer da minha vida”. A partida de meu irmão continua um enorme mistério, como o são todas as partidas. Mas a cada dia que passa tenho mais e mais clareza sobre o afeto imenso que nos unia e une ainda, sobre o bem que a presença do Nilton fez em minha vida. Principalmente, sobre a beleza de cada um de nós ser despudoradamente o que nós mesmos somos. E sobre a experiência de nos entregarmos à imensa generosidade de que cada um de nós é capaz, como fez meu querido irmão, com todos os que tiveram a graça de com ele conviver.

(Rosa Maria Bueno Fischer, irmã e colega da UFRGS)